

AMOR E ORKUT

de “sou para casar” a “pego, mas não me apego”

Paula Pinhal de Carlos

Este trabalho busca tratar da questão do amor na contemporaneidade. Será, dessa forma, baseado em textos de três autores sobre amor, quais sejam: Azevedo, sobre amor romântico, Giddens, sobre amor confluyente, Bauman, sobre amor líquido. O uso [de autores como Guiddens e Bauman](#) ocorre devido ao fato de que estes [observam que há uma transformação no modelo de amor romântico, que toma novas configurações mais fluidas na contemporaneidade, expressas nas categorias amor confluyente ou amor líquido.](#)

Nesse estudo, o amor é compreendido como prática social (BOZON, 2005). Além disso, serão tomadas como referência as considerações de Costa acerca da importância do amor em nossa cultura, a partir de três afirmações que a sustentam:

1) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força da vontade e 3) o amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar (1998, p. 13).

A partir desse estudo, procurar-se-á verificar de que forma podem as relações afetivo-sexuais ser pensadas na contemporaneidade, analisando-se para tanto, um fenômeno típico de nossos tempos: a ferramenta do Orkut, pertencente ao mundo virtual. Com base na verificação do conteúdo de algumas comunidades do Orkut, será objetivada a visualização de características das três formas de amor estudadas.

1 Três formas de amar?: amor romântico, confluyente e líquido

Em seu texto, Azevedo (1981) trata do amor romântico, a partir da análise da experiência do namoro à antiga. Busca, sendo assim, explorar suas regras e pré-requisitos. O amor romântico, segundo o autor, é um padrão que surge no século XIX. A partir desse momento, a escolha do cônjuge deixa de ser realizada pelo *pater familias* e o casamento passa a ser visto não como uma garantia da ordem social, mas como um *locus* de realização pessoal dos indivíduos.

É no contexto do amor romântico que Azevedo dissertará sobre namoro, noivado e casamento no contexto brasileiro. O namoro à antiga, baseado no ideal do amor romântico, explorado por Azevedo, possuía três fases: a da troca dos primeiros sinais de interesse, a do namoro e a do noivado.

[No Brasil tradicional, que, de certo ponto de vista, diríamos antiquado, o namoro costumava passar por duas ou três fases que precediam o noivado propriamente dito: a da troca dos primeiros e furtivos sinais de interesse recíproco e da exploração das possibilidades de aproximação e de comunicação interpessoal direta e próxima; a da associação deliberada, ou namoro em sentido exato, e a do compromisso preliminar ao noivado formal \(1981, p. 224\).:-](#)

O namoro não servia apenas como forma de experiência afetiva. Ele consistia, antes de tudo, num primeiro passo para o casamento, que deveria ser sempre precedido do noivado. Era nesse período de noivado que eram realizados os ajustes entre os futuros cônjuges e suas

famílias. É relevante essa distinção entre namoro e noivado. Este último é oficial, demonstrando um verdadeiro comprometimento, sobretudo do indivíduo do sexo masculino, com o desejo de se casar.

O namoro, na primeira metade do século XX, período histórico analisado pelo autor, tem início com o *flerte*, que consiste na troca dos primeiros olhares, demonstrando interesse no outro. Na transição do flerte para o namoro, é de suma importância a participação das *alcoviteiras*, responsáveis pela aproximação do par. Após seu início, o *andar* do namoro é limitado pelo resguardo da moça pela família. O relacionamento afetivo, dessa forma, deve ser fiscalizado, com vistas à garantia da honra feminina:

[...] as “moças de família” devem ser resguardadas por toda a sua parentela, especialmente pelos irmãos e pais, contra sempre temidas agressões eróticas ou, pelo menos, contra comprometimentos imprudentes e precipitados com pessoas ainda não identificadas com seus propósitos ou em suas qualificações para a união projetada (1981, p. 232)-

Giddens (1993) também parte do conceito de amor romântico, mas para fazer uma comparação com o *amor confluyente*, conceito que interessa a este trabalho. A noção de amor confluyente tem como base o amor romântico, associado principalmente à emancipação e autonomia sexual femininas. Esse amor não se baseia na *identificação projetiva*, que levaria à “sensação de totalidade com o outro”, mas na “abertura de um em relação ao outro” (p. 71), tendo respaldo, sobretudo na intimidade.

O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Neste momento, o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro (1993, p. 73).

O amor confluyente não pode ser considerado único e eterno. Ele é *ativo e contingente*. Se o amor romântico era “para toda a vida”, o amor confluyente é “eterno enquanto dura”. Nos relacionamentos baseados nesse tipo de amor o objetivo não é a busca da *pessoa especial*, mas do *relacionamento especial*. Dessa forma, seria possível ter mais de um relacionamento especial, com pessoas diferentes, não tendo mais lugar a busca da “tampa da panela”.

A idéia do amor confluyente também tem, ao contrário do amor romântico, um fundamento numa maior igualdade entre os gêneros. Ninguém aqui precisa ser resguardado do envolvimento, seja ele afetivo ou sexual. Deve existir uma “igualdade na doação e no recebimento emocionais” (p. 73). Logo, flerte, namoro e casamento podem ter iniciativa de ambas as partes e não necessitam de intermediários para a sua concretização.

Aqui, as relações sexuais, antes permitidas apenas após o casamento, tem um papel fundamental. A realização sexual dos envolvidos é de extrema importância, seja para a manutenção ou dissolução do relacionamento. Da mesma forma, não está mais presente a dicotomia entre *moças perdidas e de família*. Tampouco limita-se ao relacionamento heterossexual e deve ter como destino necessariamente o compromisso, na forma do noivado ou do casamento.

O amor confluyente pela primeira vez introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. O cultivo de

habilidades sexuais, a capacidade de proporcionar e experimentar satisfação sexual, por parte de ambos os sexos, tornam-se organizados reflexivamente via uma multiplicidade de fontes de informação, de aconselhamento e de treinamento sexual (1993, p. 73).

Por fim, é preciso mencionar o conceito de *amor líquido*, de Bauman (2004). O autor parece primeiramente traçar algumas características semelhantes às do amor romântico, descrito por Azevedo. Dessa forma, coloca que o amor verdadeiro é único, idéia que traz consigo a noção de *alma gêmea*. Também informa que não é possível aprender a amar, nem tampouco fugir do amor. Esse sentimento, portanto, sempre nos pegará desprevenidos e senti-lo é inevitável.

Nesse sentido, Bauman parece diferenciar amor de paixão. É possível apaixonar-se mais de uma vez na vida, mas não amar mais de uma vez na vida. No entanto, na contemporaneidade a experiência da paixão seria tomada como experiência do amor. Haveria, portanto, uma espécie de nivelamento “por baixo” das experiências afetivas. Os testes pelo quais uma experiência deve passar para ser denominada de amor estariam muito fáceis.

Pode-se supor (mas será uma suposição fundamentada) que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro (2004, p. 19).

É por isso que, para o autor, na atualidade pensa-se que é possível aprender a amar, motivo pelo qual o número de relacionamentos afetivos seria relevante. Quanto mais nos relacionamos, melhor amaremos. Então, tornamo-nos mais aptos a vivenciar uma experiência afetiva mais proveitosa. Logo, o próximo relacionamento necessariamente será melhor do que o atual.

A subida abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e freqüentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências; que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois (2004, p. 19).

Se antes podia ser eterno, a experiências amorosas constituem-se de “episódios intensos, curtos e impactantes” (p. 20). Essa modalidade de relacionamento estaria perfeitamente inserida na instabilidade da pós-modernidade, ambiente no qual não é produtivo fixar-se e adquirir hábitos.

Um dos pontos mais importantes da argumentação de Bauman, contudo, é a sua visão do amor líquido como consumo. A experiência amorosa seria vista como uma mercadoria a ser consumida. Como um produto à venda, prometeria “desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço” (p. 22).

É como um desejo a ser saciado que o amor seria visto na contemporaneidade, conforme esse autor. Sendo assim, os relacionamentos, assim como os produtos, tornam-se descartáveis e devem ser consumidos instantaneamente, pois, ao nos envolvermos em um relacionamento, também fechamos as portas momentaneamente para outros. E, assim como os

eletrodomésticos, os relacionamentos também teriam novas versões, sempre mais aperfeiçoadas do que as anteriores e feitas sob medida para despertar um desejo muito forte de as possuir.

Em relação à sua duração, o amor líquido não só é eterno enquanto dure, como tem sua continuidade constantemente avaliada. É como se tratássemos de um mercado de ações. Os relacionamentos passam a ser vistos como investimentos, que só valerão a pena enquanto continuarem a gerar lucros relevantes.

Você compra ações e as mantém enquanto seu valor promete crescer, e as vende prontamente quando os lucros começam a cair ou outras ações acenam com um rendimento maior (o truque é não deixar passar o momento em que isso ocorre). Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança [...]. Mas esteja alerta: quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são “irrelevantes a longo prazo” (2004, p. 28 e 29).

O amor líquido é personificado, ainda, no que Bauman denomina *relação de bolso*, que encarnaria a instantaneidade e a disponibilidade. O sujeito está sempre no controle desse tipo de relação: não há entrega nem trocas. Aqui não há paixão, mas apenas conveniência.

Se o compartilhamento não é uma característica importante desse tipo de relacionamento, é preciso manter-se do jeito que se é. Se a relação fugir aos seus propósitos, “é hora de seguir adiante” (p. 37), o que ocorrerá com pouquíssimas feridas, para que logo se esteja pronto para outro relacionamento.

Percebe-se, claramente, três modelos distintos. O amor romântico parece ser um modelo em desuso, presente apenas nas regras do namoro à antiga. No entanto, serve de base para o amor confluyente. Os ideais românticos estão aqui presentes, mas remodelados sob o prisma da igualdade entre os gêneros, dos projetos de vida comuns e da importância do exercício da sexualidade nos relacionamentos.

Parece ser justamente nos pontos relativos aos ideais românticos e aos projetos de vida comuns, bem como ao partilhamento da intimidade, que amor confluyente e líquido diferem. Este último é associado ao consumo. Relacionamentos são produtos e estes são descartáveis. Não nos envolvemos com produtos, não nos apegamos a produtos. Não há intimidade, não se compartilha nada, não há, aqui, envolvimento real e, na opinião de Bauman, portanto, não há amor.

2 Utilizando a ferramenta do Orkut

Passar-se-á, agora, a analisar a ferramenta virtual do Orkut,¹ para posteriormente verificar o que as manifestações dos indivíduos aí presentes, no que se refere ao amor, podem representar. O Orkut consiste numa rede social, criada em 2004.

É atualmente filiada ao Google, famoso *site* de busca da internet. Tem como objetivos a criação de novas amizades, bem como a manutenção de relacionamentos. Caracteriza-se, ademais, por ser a maior rede virtual social com participação de brasileiros, possuindo mais de 20 milhões de usuários.

¹ Disponível em <www.orkut.com>.

Nesse sistema, quem a ele adere cria um perfil, no qual podem constar informações sociais, profissionais e pessoais. O perfil social contém informações tais como nome, relacionamento, idade, interesses no orkut (amigos, contatos profissionais ou namoro).

Há um espaço para uma descrição pessoal, intitulado *quem sou eu* e outras características: religião, filhos, orientação sexual, visão política, estilo de se vestir, hábitos de vida relacionados a fumo e consumo de bebidas alcoólicas e cidade natal. É possível também que o usuário realize uma descrição mais minuciosa, descrevendo suas paixões, os esportes que pratica, suas atividades, os livros que lê, as músicas que ouve, os programas de televisão e filmes aos quais assiste e suas preferências gastronômicas.

Além da parte social e profissional, contendo informações como titulação local de trabalho e função exercida, cabe mencionar a parte denominada *pessoal*. É aí que os internautas inserem informações relativas a relacionamentos, tais como descrição do par perfeito, de características que lhes atraem, de aspectos de sua aparência (tipo físico, arte no corpo, descrição do primeiro encontro ideal e do que foi aprendido com os relacionamentos anteriores.

Fazem parte do perfil também o álbum, no qual o usuário pode inserir fotos suas e sua página de recados, meio pelo qual é possível comunicar-se com qualquer pessoa que possua perfil cadastrado no sistema. Trata-se de uma rede de *amigos*, pois é assim que são denominadas as pessoas que de alguma forma aderiram ao meu perfil (e que possuem um perfil no Orkut). Elas tornam-se minhas amigas no Orkut.

Além de *adicionar* amigos, é possível aderir a comunidades. O usuário pode aderir a quantas comunidades quiser. Fazendo isso, passa a ter o direito de participar dos fóruns e das enquetes e, em sua página, divulgar eventos.

No entanto, o que se pretende analisar neste trabalho não são as manifestações nos fóruns das comunidades, mas o aspecto ao qual elas mais se prestam: o de construção de uma identidade no mundo virtual. Dessa forma, a partir das comunidades é possível saber quem é o internauta, desvendar traços de sua personalidade, compreender seus desejos e aspirações.

O Orkut consiste, então, numa forma de reprodução de si próprio no mundo virtual. Ele parece ter relação com o que Mauss considera pessoa, enquanto fato moral, ou seja, o sentido atribuído à palavra pelos estóicos. Para estes, *pessoa* significa “o personagem que cada um é e deseja ser, seu caráter” (1974, p. 233). Integra, ainda, a noção de *pessoa* enquanto ser psicológico, segundo a qual cada um possui seu próprio *eu*.

Essa ferramenta parece se inserir na noção de Velho de *projeto*, que englobaria individualização e universalização, elaborando-se assim o *self* dos indivíduos (1980). Pode-se dizer que o Orkut consiste numa ferramenta de construção e, sobretudo, publicização de projetos individuais.

Nesse sentido, os projetos não são puros, não são apenas subjetivos, pois estão inscritos em um *campo de possibilidades*. É justamente esse campo de possibilidades, essas experiências socioculturais, que representam as comunidades do Orkut, pois, ainda que os usuários possam criar comunidades, o mais freqüente é a adesão a comunidades já existentes, como forma de elaboração e publicização do projeto individual no mundo virtual.

Velho trabalha também em sua obra a questão da diversidade e da fragmentação de papéis como constituintes do projeto (1980). Logo, assim como um médico pode acreditar que rezas possam promover a cura, é possível *fazer a fila andar* e, ao mesmo tempo, *ser para casar*. Essa fragmentação, segundo o autor, seria um fenômeno típico de sociedades complexas (1980).

O Orkut também está relacionado à conexão entre a face do *eu* e as faces dos outros, apresentada por Goffman. Dessa forma, a face do *eu* pode ser influenciada pelas faces alheias, já que são todas construídas no interior de uma mesma ordem (1980). É o que se pode denotar da aderência às comunidades, fenômeno no qual a face sustentada pelos outros provoca sentimentos, seja de concordância, ou discordância, no que se refere à elaboração da própria face.

No que tange ao conceito de face e sua vinculação com o fenômeno do Orkut, é preciso ressaltar ainda que os usuários buscam estar na *face correta*, conceito propalado por Goffman (1980), na medida em que o que dizem de si mesmos, o que os amigos escrevem e as comunidades das quais fazem parte estão em acordo com a *linha* sustentada por eles. Assim, ainda que as informações possuam algo de inverídico, todas elas devem estar em acordo com a imagem do *self* criada pelo internauta.

A *face errada* do usuário também pode ser conhecida pelos outros usuários, que possuem, a partir do mecanismo da denúncia, a possibilidade de, dentro do sistema do Orkut, gerar a expulsão do membro pelo uso de informações falsas. Isso é o que ocorre quando um internauta coloca a foto ou o nome de outra pessoa em seu perfil.

Nesse caso, a *insensibilidade* mencionada por Goffman, em virtude do desfiguramento do outro, não se faz presente, uma vez que a denúncia que o provoca é anônima. Compreendida como é operada a ferramenta do Orkut, passar-se-á agora a analisar as manifestações do amor no mundo virtual.

3 Orkut e manifestações relativas ao amor: de “sou para casar” a “pego, mas não me apego”

A última parte deste trabalho analisará a descrição de comunidades do Orkut nas quais são descritos comportamentos relativos a amor e relacionamentos, buscando verificar em qual dos modelos de amor, romântico, confluyente ou líquido, tais representações se encaixam.

A pesquisa teve por base, inicialmente, comunidades das quais eu, como usuária do Orkut, faço parte. A partir daí é possível, na página de cada uma delas, procurar comunidades relacionadas à temática, gerando uma rede de comunidades.

Por fim, foi efetuada também uma pesquisa na parte geral de comunidades do Orkut, pelo tema “Romances e relacionamentos”. Trago, então, algumas comunidades que podem exemplificar aspectos dos três modelos teóricos de amor.

O ato da conquista, descrito por Azevedo como uma das regras imprescindíveis do namoro à antiga, também pode ser aqui verificado. A comunidade “Conquiste-me se for capaz”, possui a seguinte descrição: “Para o tipo de pessoa que não deixa qualquer um entrar no seu coração, tem que ser capaz e merecedor(a), tem que ser bom(a) o bastante para te conquistar caso contrário nem adianta!”

Está presente aqui ainda esse ideal romântico do rompimento de barreiras para que possa ter início o relacionamento. A diferença é que, se antes tais barreiras eram impostas sobretudo pela família, agora são individuais. Cada um é dono do seu próprio coração e caberá a cada indivíduo decidir quem é merecedor de *entrar* nesse espaço.

A importância do relacionamento sexual para o sucesso do relacionamento, prolatada por Giddens no seu modelo de amor confluyente, também pode ser verificada em “Química, pele, cheiro”:

Química é fundamental e ponto final!
 Tem que aparecer de cara, não é uma coisa que possa se desenvolver depois.
 Não estamos falando de paixão à primeira vista, e sim das sensações provocadas pelo contato inicial.
 No cara-a-cara ou bate ou nada feito.
 Se você é daqueles(as) que não acreditam nessa história de que com o tempo e com a intimidade algo mágico de repente pode acontecer, junte-se a nós!
 Aqui a base de qualquer relacionamento amoroso é a tal da química, e é o que determina se a história vai seguir adiante ou naufragar.
 Tudo uma questão de pele, de química e de cheiro!

A comunidade “Eu acredito no amor” parece estar relacionada ao modelo do romantismo, mas, em sua descrição, traz importantes traços do amor confluyente:

Esta é uma comunidade destinada a pessoas românticas, sonhadoras, que ainda acreditam nesse sentimento tão raro, que é o amor! Mas não acreditamos em príncipe encantado, ou em mulher ideal; apenas acreditamos que podemos encontrar alguém com que sejamos felizes.

Acreditar no amor, dessa forma, não significa acreditar em pessoas idéias, mas acreditar na possibilidade de ser feliz ao lado de alguém. Dessa forma, é a noção confluyente de relacionamento especial, e não de pessoa especial, que tem lugar aqui.

Apesar disso, o ideal romântico não deixa de ser uma referência para grande parte dos usuários, uma vez que a comunidade “Eu quero um amor para a vida toda” possui quase dois milhões de adeptos. Portanto, ainda que os relacionamentos possam ter fim, a busca continua a ser baseada pelo modelo do *amor eterno*. [Eis a descrição da comunidade:](#)

[Um velhinho foi a uma de suas consultas periódicas ao médico.um pouco apressado.E o médico perguntou:Pq a pressa?e ele falou:Todos os dias neste horário vou visitar minha esposa que está num asilo.E o médico falou:Então vcs matam as saudades,batem papo,namoram um pouquinho!E o velhinho:Não!Ela não me reconhece mais, por causa de sua doença.E o médico falou:Mas pq então tanta pressa para vê-la,já q não o reconhece mais?E com um sorriso no rosto,o velhinho responde:Mas eu a reconheço!Eu sei quem ela é e o q representa na minha vida há tantos anos.Por isso todos os dias eu a reconquisto,como se cada conquista fosse única e verdadeira.Este é o verdadeiro amor, INCONDICIONAL.](#)

A busca pelo amor também é uma busca pela criação de uma família, o que é visualizado pela existência de quinze comunidades denominadas “Quero casar e ter filhos”. Eis a descrição de uma delas: “Se vc já cantou... eu sou de ninguém eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também, mais de mil vezes na sua vida. E quer agora uma pessoa só, na alegria e na tristeza, até que a morte o separe. Aqui é o lugar”.

Note-se que a idéia de experienciar o amor, trazida por Bauman, é visível. A pessoa única é encontrada após se vivenciar a experiência de possuir vários relacionamentos. O mesmo ocorre com as diversas comunidades intituladas “Sou para casar” e suas concorrentes, denominadas “Eu Sou para casar, mas não agora”:

Essa comunidade é para a galera do compromisso!
Que curte namorar, não fica por ficar, quer mais do que noites e momentos.
É do tipo PRA CASAR e se orgulha disso!!!
Bons moços e boas moças!!!-

Essa é uma comunidade para todos aqueles que pretendem ser um homem ou mulher de família, mas que esta longe de consumir esse ato. Afinal de contas somos jovens e temos muito o que curtir a vida antes; ou simplesmente temos outras prioridades como estudar, construir capital... porque afinal de contas casamento não é brincadeira é pra vida toda. E não se casa todo dia!!!
Aos que procuram um amor, aos que o encontraram ou os que ainda não pensam nisso.
Sejam bem vindos!!
Talvez você encontre aqui o seu futuro marido e futura esposa!! (MAS, NÃO AGORA!!!!)

A noção de amor líquido pode ser conferida também em comunidades tais como “Eu pego, mas não me apego”:

Se você também não consegue passar mais de uma noite com a mesma pessoa, não entende como tem tantos chorões por aí se desidratando em lágrimas por causa de UMA pessoa quando tem mais de 6 BILHÕES no mundo, acha que o amor só é eterno enquanto dura, seu lugar é AQUI!!!

Está configurada aqui o que Bauman chama de relação de bolso, com sua característica de instantaneidade e descartabilidade. Se há mais de seis bilhões de pessoas no mundo, ademais, não se pode ficar com apenas uma, pois assim se estaria perdendo a oportunidade de vivenciar o amor com todas as outras. Afinal de contas, “A fila anda”. A noção que faz parte da relação de bolso, de que, não se deve mudar para poder se relacionar é percebida em “Não vou mudar para te agradar”:

Personalidade não se constrói da noite pro dia. Nossas qualidades, defeitos, vícios e manias representam o resultado de nossas vivências, dos desafios que enfrentamos em nossas trajetórias.

Esta comunidade é pra quem se orgulha de ser como é.. pra quem acredita que é capaz de mudar sim, crescer, mas apenas através do tempo e das experiências de vida!! Nunca pq alguém acha q devemos!!

NÃO VOU MUDAR PRA TE AGRADAR!!

Tá afim de conviver comigo?! Trata de me entender e me aceitar como eu sou!!

É possível perceber, do exposto, que a ferramenta do Orkut consiste numa representação de valores sociais e culturais relativos a amor e relacionamentos. Sendo assim, tem-se que os modelos teóricos de amor trazidos por Azevedo, Giddens e Bauman não consistem, no mundo real, em modelos estanques.

O Orkut insere-se, nessa medida, no âmbito das identidades fragmentárias pós-modernas, que congregam em si diversos aspectos, inclusive aparentemente incomunicáveis. Assim é possível “querer um amor para a vida toda” e “ser para casar”, “mas não agora”, já que este momento é o de “fazer a fila andar”, de “pegar sem se apegar”.

O amor romântico, confluyente e líquido pode habitar, portanto, os ideais das mesmas pessoas, seja em diferentes momentos de suas vidas ou não. Permanece a busca pelo amor de toda a vida. Esse pode seguir sendo o objetivo central dos relacionamentos.

No entanto, na esteira do que é mencionado por Giddens, é o relacionamento especial que é o mais considerado. Por isso, é possível que o amor atual não seja o último, que seja preciso fazer a fila andar novamente.

Além disso, pode-se “pegar sem se apegar”, é possível ter, em determinado momento, relacionamentos de bolso, descartáveis, sem envolvimento e, ainda assim, “querer casar e ter filhos”, ter o objetivo de formar uma família, nos moldes do que era buscado no namoro à antiga.

É possível apaixonar-se e desapaixonar-se, pensar as relações afetivas nos moldes do consumo, como algo descartável e, ainda assim, acreditar no amor. Logo, as comunidades do Orkut parecem, na realidade, refletir as infinitas possibilidades oferecidas aos indivíduos na contemporaneidade, não sendo possível pensar num modelo único de vivenciar o amor e os relacionamentos.

Referências

- AZEVEDO, Thales de. Namoro à antiga: tradição e mudança. In: FIGUEIRA, Sérulo Augusto; VELHO, Gilberto. *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 1981, p. 219-275.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: EDUNESP, 1993.
- GOFFMAN, Erving. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérulo (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do “eu”. In: _____. *Sociologia e antropologia*. V.1. São Paulo: Edusp, 1974, p. 207-241.
- VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: FIGUEIRA, Sérulo (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 27-55.